

## A FIGURA FEMININA NAS OBRAS “SENHORA EINSTEIN” E “A HORA DA ESTRELA”: UMA ANÁLISE SOBRE O SILENCIAMENTO DA VOZ FEMININA.

Isabelly Furtado de Andrade<sup>1</sup>

Mariana Moreira de Sousa<sup>2</sup>

Jacinta Ferreira dos Santos Rodrigues<sup>3</sup>

Renalle Meneses Barros de Brito<sup>4</sup>

Telma Lucia Bezerra Alves Aires<sup>5</sup>

### RESUMO

Os séculos XIX e XX caracterizaram-se por serem períodos de constantes (trans) formações no que tange aos costumes e valores sociais e culturais. Nessa perspectiva, a visão da mulher altera-se com a ascensão de movimentos sociais que lutam pela igualdade de gênero. Este artigo tem como objetivo analisar o silenciamento da voz feminina nas obras “Senhora Einstein” e “A Hora da Estrela”, sob o caráter de revisão bibliográfica com embasamento teórico pautado em questões de gênero e representação do feminino sob a luz de teóricos como Michelle Perrot (2019), Silva e Brabo (2017), Wolf (2020), entre outros. As análises evidenciaram a omissão, controle e/ou silenciamento das ações das personagens por meio das estruturas sociais e pessoais que estavam inseridas.

**Palavras-chave:** Voz feminina, Silenciamento, Igualdade de gênero.

### INTRODUÇÃO

A obra “A Hora da Estrela” (1998), de Clarice Lispector, abrange os desdobramentos da vida miserável de Macabéa, uma nordestina, do estado de Alagoas, que se muda para o Rio de Janeiro após perder seu último membro familiar e confronta os desafios de viver em uma cidade cosmopolita. Em contrapartida, o romance “Senhora Einstein” (2017), de Marie Benedict, exhibe a história de Mileva Marić, uma promissora estudante de física e matemática, da Politécnica de Zurique, norte da Suíça, que tem sua vida totalmente transformada quando conhece o famoso cientista Albert Einstein no meio acadêmico.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, *Campus* Cajazeiras. Bolsista do Projeto de Pesquisa, [isabelly.furtado@academico.ifpb.edu.br](mailto:isabelly.furtado@academico.ifpb.edu.br);

<sup>2</sup> Discente do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, *Campus* Cajazeiras. Bolsista do Projeto de Pesquisa, [mariana.moreira@academico.ifpb.edu.br](mailto:mariana.moreira@academico.ifpb.edu.br);

<sup>3</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Roraima - UFRR, Professora do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, *Campus* Cajazeiras, Coordenadora do Projeto de Pesquisa, [jacinta.rodrigues@ifpb.edu.br](mailto:jacinta.rodrigues@ifpb.edu.br);

<sup>4</sup> Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Professora do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, *Campus* Cajazeiras, Orientadora do Projeto de Pesquisa, [renalle.brito@ifpb.edu.br](mailto:renalle.brito@ifpb.edu.br);

<sup>5</sup> Doutora em Recursos Naturais pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Professora do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, *Campus* Cajazeiras, Coorientadora do Projeto de Pesquisa, [telma.aires@ifpb.edu.br](mailto:telma.aires@ifpb.edu.br). Este artigo é resultado de Projeto de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, com apoio financeiro decorrente do Edital N° 01/2020 - Apoio a projetos de Pesquisa (Chamada Interconecta IFPB).

Desse modo, o estudo a seguir leva em conta a estigmatização da figura feminina no contexto sociocultural nos séculos XIX e XX, trazendo em pauta as facetas do silenciamento feminino das personagens principais e a representação de sua figura em seus ambientes específicos de atuação, tendo como objetivo principal analisar o silenciamento da voz feminina nas obras “Senhora Einstein” e “A Hora da Estrela”.

A estigmatização da figura feminina percorre a história da humanidade e entra nas páginas dos livros da nossa literatura, trazendo a figura feminina ora silenciada perante uma sociedade patriarcal, ora usada como objeto de satisfação de desejos masculinos, fazendo-nos questionar quais seriam as causas desse silenciamento e dessas representações. Para Silva e Brabo (2017, p. 127), “resgatou-se o contexto sócio-histórico da atribuição de papéis sociais, que constituem o gênero humano, por meio do dispositivo dicotômico sexo/gênero nas sociedades, com a própria historicidade do conceito de gênero”.

Desta forma, criaram-se os estereótipos do que seriam “as atitudes e ou comportamentos comuns aos meninos e as meninas”, determinando socialmente papéis rígidos e diferenciados nos quais as mulheres foram subjugadas à esfera privada do lar, da reprodução e abnegação, e os homens foram privilegiados, através de sua força produtiva (trabalho), a ocuparem o espaço do conhecimento, das discussões e do poder.

Inserido neste contexto, este estudo apresenta o seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira o silêncio da voz feminina é representado nas obras “Senhora Einstein” e “A Hora da Estrela”? Para tanto, mobilizou-se vastos métodos de revisão bibliográfica e direcionamentos para uma pesquisa qualitativa que visa ressaltar os comportamentos e ações provenientes dos séculos XIX e XX, além de um embasamento teórico pautado em questões de gênero e representação do feminino, possibilitando a compreensão acerca de vários aspectos sociais.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo direciona-se para uma pesquisa de base qualitativa, tendo em vista sua forte inclinação à pesquisa de pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, movimentos sociais, fenômenos culturais, como também interação entre nações (STRAUSS; CORBIN, 2008). Debruçar-se sobre os aspectos socioculturais vigentes nos séculos XIX e XX, auxiliam na análise e interpretação dos fatos, sobretudo, aos que estão

relacionados à compreensão do silenciamento feminino, com raízes perpetuadas ao longo da história.

Ademais, a presente pesquisa enquadra-se nos moldes da pesquisa bibliográfica, dada a natureza do próprio *corpus* de análise – as obras *A hora da Estrela* e *Senhora Einstein* -, bem como o minucioso levantamento realizado a partir de importantes fontes escritas (livros, revistas, publicações) para a construção do aporte teórico. Para Gil (2002), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a descoberta de uma gama de fenômenos mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

No tocante ao tratamento/ análise dos dados, aplicamos a técnica da roteirização, proposta por Freitas (2003, p. 6), que indica “tópicos que sinalizam os trechos a serem posteriormente transcritos, compondo o corpus de análise posteriormente dito”. Dessa maneira, foi realizada uma seleção dos principais pontos identificados nas obras para constituição do corpus de análise, sistematizando os dados por meio da triangulação que segundo Triviños (2010, p. 138), “tem por objetivo básico abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo”.

Além disso, utilizamos os conceitos de descrição, análise e interpretação apresentados por Gomes (2015). A descrição refere-se à maneira mais fiel de apresentar os dados. Na análise, busca-se ir além do que está posto, “fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostas” e a interpretação consiste em buscar sentido em falas e ações, a fim de constituir uma explicação que transcenda a descrição e análise. No que se refere à interpretação, o autor aponta etapas que podem ser realizadas na abordagem do tema (Quadro 1).

Quadro 1: Caminhos para a interpretação.

Leitura compreensiva do material selecionado	Busca-se, por um lado, ter uma visão de conjunto e, de outro, apreender as particularidades do material. Descrever o material a partir da perspectiva dos atores, das informações e das ações coletadas. A montagem da estrutura de análise envolve sucessivas categorizações e distribuição das unidades que compõem o material. As categorias (ou “gavetas”) podem ser elaboradas a partir de diferentes critérios (p. 100).
Exploração do Material	Ir além das falas e dos fatos; Caminhar na direção do que está explícito para o que está implícito, do revelado para o velado, por meio da seguinte trajetória:

	<p>a) identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto (a problematização pode ocorrer através de questionamentos que fazemos ao material que dispomos);</p> <p>b) busca de sentidos mais amplos (socioculturais) atribuídos às ideias;</p> <p>c) diálogo entre as ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo (p 101).</p>
Elaboração de síntese interpretativa	Esta etapa é o ponto de chegada da interpretação propriamente dita. É importante fazer uma articulação entre os objetivos do estudo, a base teórica adotada e os dados (p.101).

Fonte: Gomes (2015).

## REFERENCIAL TEÓRICO

No início do século XIX, os efeitos da Revolução Industrial já eram sentidos na sociedade inglesa. A mulher começava a integrar a estrutura produtiva e a compor a classe operária, mas também principiava a desigualdade na valoração do trabalho desempenhado por ela. Foi nesse contexto que, mais adiante, surgiram movimentos reivindicatórios importantes para a trajetória feminina.

No Brasil, a realidade social demonstrava que os homens conduziam as ações políticas, militares e sociais, enquanto o papel da mulher estava restrito à esfera do lar e da família. De acordo com Michelle Perrot (2019, p. 11), “no século XIX ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”. Nota-se que a figura feminina era muito subjugada na sociedade da época e isso reverberou num conjunto de assimetrias sociais difíceis de serem superadas a contento.

No âmbito doméstico, a figura da mulher era “escolhida” ou “comandada”. Antes de casar-se, possuía sua vida direcionada pelo pai ou por seus irmãos e, após o matrimônio, transmutava como “posse legal” de seu marido, tendo suas decisões pessoais automaticamente inferiorizadas. Uma mulher não precisava ter conhecimentos que não acrescentassem em sua rotina padrão: desde muito cedo, aprendia como governar uma casa, cuidar de seu marido e de seus futuros filhos, desobrigada de qualquer trabalho produtivo (D’ INCAO, 2020). O ato do casamento, geralmente realizado muito precocemente, resultava em muitos filhos. A maternidade imposta à figura feminina e a procriação de descendentes eram elementos bastante demandados pelo corpo social daquele tempo.

Nessa perspectiva, por muitos anos, os homens têm controlado a vida das mulheres em aspectos sociais, econômicos, políticos e até nos seus comportamentos e costumes, impedindo-as de realizar suas próprias escolhas (JEFFREYS, 2014). A partir disso, o patriarcado surge como uma ideologia que se institui desde os primórdios da sociedade, manifestando-se em diversos atos e falas. Nesse cenário, algumas mulheres aliaram-se com o objetivo de interpretar e questionar as raízes culturais dessa estrutura, surgindo assim diferentes reivindicações ao redor da igualdade de gênero.

Nesse sentido, o feminismo é um movimento político-social que está sendo cada vez mais estudado, se tornando assim, objeto de várias discussões e pesquisas acadêmicas. “Dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (HOOKS, 2020, p.17). Diante da afirmação, ressalta-se que o ideal feminista não está vinculado a comportamentos anti-homens, ou seja, ódio, desprezo ou o preconceito contra homens, mas sim, que o problema está no patriarcalismo - outra nomeação para sexismo institucionalizado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Azzariti (2015, p.123) “É no silêncio que as relações de poder podem ser significadas. Silêncio é poder”. Nesse sentido, em uma relação abusiva é estabelecida uma determinada dominação, pois, o agressor submete a vítima a um papel inferior e frágil, o que caracteriza um tipo de relação de poder. Desse modo, a pessoa que sofre as agressões é silenciada, seja por medo de seu algoz, ou vergonha por vivenciar essa situação, ou até mesmo por não conseguir identificar o abuso presente que consiste o relacionamento em que está inserida: “O conceito de “relacionamento abusivo” costuma ser evocado para denunciar como ocorrem violências psicológicas no interior dos relacionamentos íntimos. (...) resulta na dependência emocional de um dos indivíduos” (SANTOS *et al.*, 2019, p. 8)

Macabéa e Mileva Marić, ambas personagens das obras analisadas, vivenciaram relações abusivas, nos quais seus respectivos parceiros presumiram-se no direito de controlar o comportamento de suas companheiras. A voz feminina nas duas histórias foi omitida através de agressões verbais e físicas, além de constantes inferiorizações à suas personalidades e aparências.

Olímpico de Jesus, namorado da datilógrafa trabalhava de operário em uma metalúrgica, caracterizava-se por sua esperteza e discurso sagaz, ludibriando a personagem

Este artigo é resultado de Projeto de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, com apoio financeiro decorrente do Edital N° 01/2020 - Apoio a projetos de Pesquisa (Chamada Interconecta IFPB).

principal com suas palavras aparentemente ensaiadas. O rapaz não era gentil e não aparentava ter o desejo de estar próximo de Macabéa, pois sempre a tratava de forma rude ou indiferente. Suas ofensas contra a protagonista eram habituais, sempre que podia, ele desmerecia sua fisionomia e suas falas, o que a deixava intimidada, impedindo-a de dar sua opinião. Nessa sentença, fica explícito seu desrespeito para com a parceira: “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero. Você está ofendida?” (LISPECTOR, 1998, p. 51).

Seu descaso com Macabéa foi ressaltado quando facilmente terminou com ela e começou a se relacionar com sua colega de trabalho Glória, deixando assim, a protagonista em amplo estado de constrangimento. Na concepção do metalúrgico, a alagoana era “subproduto” e não era suficiente para um matrimônio. Em oposição, Glória tinha uma boa condição financeira e era bem alimentada por ser filha de açougueiro, o que fazia dela “material de boa qualidade”. Percebe-se como a objetificação da mulher era edificada pelo patriarcado, fazendo as personagens serem apuradas como “substituíveis”: “Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe. (...) E isso fazia dela material de boa qualidade”. (LISPECTOR, 1998, p.59)

Dessa maneira, a personagem principal da trama provoca nos leitores múltiplos sentimentos conflitantes. Ela transmite, entre as páginas e linhas, sua precariedade em existir. Uma precariedade construída pela imagem da pobreza, reiterada pela narrativa e implementada pelas condições a que é submetida diariamente (REBELLO, 2013). Nessa acepção, Macabéa esteve inserida em situações de penúrias e dificuldades. Por ser de classe econômica baixa, desde cedo, não teve acesso a uma boa escolaridade, o que acarretou um escasso conhecimento. Em razão disso, sujeitou-se à péssimas condições trabalhistas.

Mileva Marić, por outro lado, teve um processo de silenciamento da sua postura e identidade. A protagonista de “Senhora Einstein” (2017) vivenciou muitas transformações em sua personalidade quando conheceu Albert Einstein na Politécnica de Zurique. No início da ficção, ambos eram amigos e parceiros científicos com o propósito de descobrirem os enigmas que envolviam a ciência do século XIX. Em meio aos cálculos e pesquisas, uma paixão avassaladora surge entre os dois, Einstein via em Mileva uma capacidade intelectual superior até à dele e um equilíbrio perfeito para suas emoções turbulentas.

O ambiente acadêmico da Suíça, em 1896, era definido por uma grande desigualdade de gênero, as mulheres que se atreviam a tentar uma carreira científica, enfrentavam preconceito

constante nas salas de aulas, tendo suas capacidades intelectuais questionadas. A exigência em torno das universitárias era mais ampla, sendo assim, Mileva precisava constantemente provar seu valor intelectual aos parceiros de sua turma. Nesse sentido, era necessário uma maior dedicação de sua parte em demonstrar capacidade e seriedade, como consequência, sua própria vestimenta era mais composta: “Assim, manteríamos nossas camisas de manga comprida, enfiadas por dentro da saia-sino, sempre em cores sóbrias para assegurar que nossos professores e colegas de classe nos levassem a sério.” (BENEDICT, 2017, p. 60). Wolf (2020) estipula que o mito da beleza determina seu comportamento, não a aparência. Desse modo, as crenças populares designavam que as mulheres deviam entrajarse com roupas “respeitosas” e decentes, caso contrário, sua moral seria questionada.

No que tange ao relacionamento com Albert, no começo, ele mostrava-se alguém diferente da maioria, pois reconhecia os feitos de Mileva, se propunha a ficar do lado dela em muitas situações e demonstrava seu apoio: “Sim, você, senhorita Marić. Acho que você é a mais inteligente da nossa classe e de longe é a melhor em Matemática” (BENEDICT, 2017, p.32). Sempre que havia oportunidade, realizavam os trabalhos acadêmicos em dupla e aproveitavam as ocasiões para estudarem as teorias modernas da física daquele tempo, Mileva ainda mostrava-se receosa de permitir que Einstein convivesse consigo, pois temia fraquejar em seus objetivos universitários, porém, com o tempo, sentiu-se impelida a consentir.

Logo, o convívio evoluiu para um namoro secreto, pois a personagem queria manter sua reputação como aluna séria, mulheres cientistas não possuíam segundas chances (BENEDICT, 2017). A jovem estudante precisava passar credibilidade em um ambiente, predominantemente, misógino e um caso com seu companheiro de classe, poderia ocasionar um julgamento equivocado dos docentes e alunos da instituição. Sendo assim, ambos encontravam-se de maneira reservada, aproveitavam os momentos para trocar confidências e afeto; Einstein a chamava carinhosamente de “bonequinha” no íntimo do casal. Entretanto, ele começou de forma gradual a mudar seu comportamento amável e compreensivo.

Albert transparecia estar aproveitando-se do afeto de Mileva, nos momentos que faltava às aulas e pedia que ela lhe trouxesse as anotações para assim ele ter acesso ao que foi ensinado, sempre com a desculpa da parceria científica que eles mantinham. A estudante de física começou a ficar desconfortável com essa situação, então eles discutiram, ela declarou em pensamentos: “Eu me senti mais como uma marionete do que uma boneca estimada” (BENEDICT, 2017, p.109). A partir desta passagem, é perceptível a introdução do controle de Einstein sobre a personagem.

Nesse contexto, surge a primeira gravidez e a distância entre o casal se torna cada vez maior, visto que o físico não dedicou o apoio esperado a sua parceira. Além disso, havia uma concepção social conservadora que não aceitava filhos gerados antes do casamento, fator que comprometeria a carreira de Albert e a honra de Mileva. A reação de ambas as famílias não foi positiva e como mulher, Mileva é o maior alvo dos julgamentos alheios: “Ele tinha construído um caminho para mim em meio à selvageria de um mundo dominado por homens, o mundo da Ciência e da Matemática, e que eu tinha jogado tudo fora por uma bobagem. Toda a minha família ficou decepcionada comigo”. (BENEDICT, 2017, p. 158-159)

Com o passar dos anos, Albert inicia a exclusão de Mileva dos estudos científicos, retirando o seu nome de artigos que construíram juntos e, assim, desfaz-se aos poucos da parceria firmada entre eles. Enquanto o cientista seguiu com a oportunidade de dedicar-se integralmente à pesquisa, Marić precisou abdicar da profissão por causa da família, como consequência da indiferença de seu próprio esposo, que não a enxergava mais como a jovem intelectual que ele um dia amou, mas apenas como sua empregada doméstica. Dessa forma, Mileva é limitada à maternidade e ao lar, sendo impedida de atuar também na área a qual ela sempre amou, a ciência. Nas palavras da personagem: “É aí que percebo que me tornei nada além de uma dona de casa para Albert. Mãe dos filhos dele. Faxineira. Lavadeira. Cozinheira. E que nunca mais eu seria algo além disso.” (BENEDICT, 2017, p. 233)

Einstein atribuía o fardo do casamento frustrado à companheira, fazendo-a se sentir culpada pelos erros dele. Por conhecer seus pontos fracos e o desejo de Mileva em ajudá-lo nos trabalhos científicos, aproveita-se desse sentimento para ludibriá-la com falsas promessas de mudança e felicidade. A mãe solitária e desgastada sentia que não poderia perder o vínculo que tinha com Albert, pois sacrificou suas ambições profissionais em nome da ascensão meteórica dele. Além disso, temia pelo futuro e criação dos filhos sem o pai dentro de casa e, assim, tentava se igualar as expectativas e suportava omissa a indiferença do cientista:

“Parei de suplicar a Albert por trabalho e tentei me moldar ao papel de dona de casa que ele deixou para mim. Ainda assim, Albert não estava muito presente para testemunhar meus esforços. Pesquisa, trabalho e palestras ocupavam os dias dele e as noites fora de casa se tornaram uma rotina, deixando os garotos e eu sozinhos por semanas.” (BENEDICT, 2017, p.234)

Com o passar do tempo, Mileva começou a questionar se o motivo de Einstein ter se afastado era por ela ter se descuidado. Pelo seu ponto de vista, estava com os quadris largos devido às gestações e com a aparência desleixada, e isto poderia ter causado a perda de

Este artigo é resultado de Projeto de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, com apoio financeiro decorrente do Edital N° 01/2020 - Apoio a projetos de Pesquisa (Chamada Interconnecta IFPB).

interesse do cônjuge. O próprio direcionava críticas à sua aparência e diminuía sua autoestima e, quando a traiu, alegou: “Foi você quem me levou a isso, Mileva. Com essa sua aparência feia e seu mau humor. Quando voltei para Berlim na Páscoa do ano passado, como não poderia me sentir atraído por Elsa ?”(BENEDICT, 2017, p. 248).

Em uma das brigas do casal, Einstein desferiu um soco na face da personagem e, após a agressão, tenta se redimir com pedidos de desculpas e a presenteando com flores. A protagonista se encontrava, crescentemente, em conflito: “Albert me fez acreditar que eu não servia para mais nada além disso. Ele me fazia sentir como se fosse oca por dentro” (BENEDICT, 2017, p. 255). Em diversos momentos, o apego emocional com o marido a desencorajava de se separar, sua submissão perante a situação, fez dela alguém dependente e que temia o mundo afora. Entretanto, o estopim para o fim do relacionamento aconteceu quando Einstein delegou a Mileva um contrato de exigências de como ela deveria agir se quisesse manter o casamento:

“Era um contrato para meu comportamento. Quanto mais leio a sequência de barbaridades, linha por linha, mais fico indignada. O acordo enumerava as tarefas domésticas que eu deveria executar para Albert; lavar as roupas dele, preparar as refeições - que deveriam ser servidas no quarto dele -, cuidar das roupas de cama e do escritório dele (...) E, de modo particular, ele ordenava que eu renunciasse a todo tipo de intimidade física com ele.” (BENEDICT, 2017, p. 214)

Mileva não aceita as condições e se despede do casamento dos dois. Estava resistente o suficiente para seguir adiante e reconhecer seu valor sem precisar de Einstein por perto: “Pela primeira vez depois de muito tempo, sinto-me Mitza de novo.”(BENEDICT, 2017, p.278). Sendo assim, retornou a Zurique com seus filhos, retomando os estudos e a paixão pela Ciência oferecendo tutoria a jovens mulheres cientistas. Dessa maneira, Mileva exerceu uma força contra o controle que Albert impôs e libertou-se do silenciamento infundido em sua voz desde que casou-se com o cientista renomado.

Na percepção de Chimamanda Adichie (2019, p.32): “As histórias importam, muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”. Durante muitos séculos, as histórias das mulheres foram omitidas ou manipuladas, grandes mentes foram silenciadas e muitas jovens foram impedidas de escolherem o próprio caminho. Mileva teve um percalço contraposto a sua trajetória acadêmica, por outro lado, Macabéa não teve acesso a muitos recursos de

conhecimento. Ambas contribuíram com ensinamentos de coragem e merecem ter suas histórias reconhecidas em meio a um percurso pedregoso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar, catalogar críticas e investigar períodos da história destacados por transições sociopolíticas é essencial para construir um levantamento lógico dos acontecimentos permeados na conjuntura histórica contemplada e demonstrar os papéis de gênero agregados no corpo social. A concepção rígida atribuída a determinados indivíduos e a restrição feminina em diversas esferas sociais devem ser averiguados para maior compreensão de uma sociedade patriarcal estrutural.

Esse artigo possibilitou estudos acerca do papel da mulher nas obras analisadas e acentuou o silenciamento da voz feminina nas esferas de poder e comunicação. Com o embasamento teórico utilizado, foi possível compreender os percursos e desfechos das personagens, caracterizando uma contribuição no campo dos estudos sobre as mulheres, a partir de obras literárias. O aprendizado adquirido permitiu entendimentos sobre as questões socioculturais com as quais a mulher estava submetida nos séculos XIX e XX e promoveu uma reflexão sobre como os aspectos históricos influenciaram a participação feminina em movimentos intelectuais nos dias atuais.

Vale ressaltar que dificuldades, no que tange a igualdade de gênero permeiam a sociedade há muito tempo. Estereótipos e preconceitos sempre circundam a figura feminina, dessa forma, fazer um levantamento de questões de gênero e representação da mulher consiste em considerar as lutas e conquistas femininas que foram olvidadas, constantemente, no passado. A reflexão desse estudo estimulou uma percepção pedagógica, através de várias áreas do conhecimento, acerca das mulheres na literatura que foram e são silenciadas por um sistema opressivo.

## AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, à Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação e ao apoio financeiro decorrente do Edital Interconecta IFPB - N° 01/2020.

Este artigo é resultado de Projeto de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, com apoio financeiro decorrente do Edital N° 01/2020 - **Apoio a projetos de Pesquisa (Chamada Interconecta IFPB)**.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, C.N. **O perigo de uma história única**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

AZZARITI, M. Silêncio, silenciamento e tortura: Violência e sentidos. **Percursos Linguísticos**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 120–132, 2015.

BENEDICT, Marie. **Senhora Einstein: A história de amor por trás da Teoria da Relatividade**. São Paulo: Editora Gente, 2017.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (org.) **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2020. p.223 - 240.

FREITAS, D. B. A. P. **Escola Makuxi**: identidades em construção. 2003. 234p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C de S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 79 - 108.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 12 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JEFFREYS, Sheila. **Gender Hurts: a feminist analysis of the politics of transgenderism**. 1 ed. Londres e Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2014.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SANTOS *et al.* A invenção do relacionamento abusivo: sofrimento e sentido nas relações amorosas ontem e hoje. **Revista Líbero**, v. 22, n. 44, p. 8, 2019.

REBELLO, I. F. Sobre restaurar fios: reflexões sobre a pobreza em A hora da estrela. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 41, p. 219-232, June 2013.

SILVA, M. E. F; BRABO, T. S. A. M. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino? **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 7, n. 3, 22 mar. 2017.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciencias sociais: à pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2010.

Este artigo é resultado de Projeto de Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), *Campus* Cajazeiras, com apoio financeiro decorrente do Edital N° 01/2020 - Apoio a projetos de Pesquisa (Chamada Interconecta IFPB).



WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** 14 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.